

TOMÁS DE AQUINO E O PROBLEMA DA VIDA DAS PLANTAS:**Parte II¹**

Paulo S. Terra - Universidade Estadual de Santa Cruz.

Abstract: Several questions on the life of plants are found in many Thomas Aquinas' texts. In general, Thomas closely follows in his botanical inquiries the biological teachings of Aristotle; however, he understood the production of plants on the third day of Creation only in the light of Augustine's doctrine of the *rationes seminales*.

Keywords: Thomas Aquinas, Aristotle, Augustin of Hippo, botanical philosophy, biological theories, definition of life.

Resumo: Encontram-se em muitos textos de Tomás de Aquino várias questões sobre a vida das plantas. Em geral, Tomás segue de perto em suas investigações botânicas os ensinamentos biológicos de Aristóteles; no entanto, entendeu ele a produção das plantas no terceiro dia da Criação somente à luz da doutrina das razões seminais de Agostinho.

Palavras-chave: Tomás de Aquino, Aristóteles, Agostinho de Hipona, filosofia botânica, teorias biológicas, definição de vida.

O uso das plantas

Encerrada a análise do que disse Tomás sobre as plantas, quanto a sua criação, estrutura, modo de vida, modos de expressão de suas funções anímicas e visto ainda o que concluiu da comparação das plantas com os animais e com o homem, cabe examinar agora o que o Aquinate disse sobre o problema do uso das plantas².

O uso das plantas é facultado ao homem segundo o princípio geral de que o imperfeito serve ao perfeito. Essa ideia encontra-se expressa várias vezes nos escritos tomasianos:

“na geração das coisas manifesta-se uma certa ordem, pela qual se sobe do imperfeito ao perfeito, sendo assim a matéria por causa da forma; e uma forma mais imperfeita por causa de outra mais perfeita, assim o mesmo se dá com o uso dos seres naturais. Pois os seres mais imperfeitos servem ao uso dos mais perfeitos; assim, as plantas tiram da terra a sua nutrição, os

¹ A primeira parte deste artigo encontra-se em «Aquinate», n.º. 28 (2015), 57 - 75.

² Coteje-se o que será dito a seguir com o que está em: Terra, Paulo S. *Tomás de Aquino e a questão do uso dos animais*. «Aquinate», n.º. 13, 76-95. 2010.

animais, das plantas; o homem; enfim, das plantas e dos animais. Por isso, diz o Filósofo³, que a caça dos animais silvestres é justa e natural, porque, por ela, o homem vindica para si o que é naturalmente seu.”⁴

A mesma ideia aparece também sem referência a Aristóteles, mas com apoio em texto veterotestamentário:

“Ora, os animais e as plantas foram feitos para sustento da vida animal do homem. Por isso diz a Escritura: *Eu vos entreguei todas estas coisas como as viçosas hortaliças.*”⁵

³ *Política* I, 8, 1256b19-23; Cmt., 6.

⁴ STh I, q96, a1, sol. As plantas são, pois, inegavelmente inferiores ao homem. Têm as plantas e o homem, contudo, algo em comum, como já comentado, a condição de seres corpóreos e as funções naturais próprias da alma vegetativa, única presente nas plantas e contida na alma racional humana juntamente com a sensitiva. No tocante à questão do uso, impõem-se as diferenças entre as plantas e os animais e não as semelhanças existentes entre eles. Cabe comentar também aqui a questão da serventia natural. Essa ideia de serventia natural evoca sempre o princípio de que o imperfeito serve ao perfeito. Assim, a planta serve ao herbívoro, pois lhe garante a sustento. Pelo mesmo princípio, entende-se a relação do carnívoro com o herbívoro do qual ele se alimenta. Como visto, esse assunto está assim posto na biologia de Aristóteles e assim permanece na de Tomás. Só muito recentemente se admitiu uma serventia natural inversa. Quem propôs isso foi Lineu (Carolus Linnaeus) e a teoria desenvolveu-se em duas teses de alunos seus: *Oeconomia naturae*, dissertação apresentada por Isaac J. Biberg (1726-1804), em 4 de março de 1749, catalogada como “Lidén n.º. 20” [http://fmhibd.library.cmu.edu/HIBD-PDF/LinnaeanDiss/Liden-020.pdf] e *Politia naturae*, dissertação apresentada por Henric Christian Daniel Wilcke (1739-1788), em 29 de março de 1760, catalogada como “Lidén n.º 109” [http://fmhibd.library.cmu.edu/HIBD-PDF/LinnaeanDiss/Liden-109.pdf]. Aplicando-a às plantas, dir-se-á sob a óptica lineana que os herbívoros servem às plantas, por exemplo, controlando as suas populações, mediante a eliminação de indivíduos, fracos, doentes ou velhos. Cabem aos animais, segundo Lineu, quatro tarefas: 1) regular as proporções das espécies vegetais, isto é, controlar-lhes a densidade populacional; 2) eliminar todo tipo de coisas supérfluas e inúteis, com o que muito contribuem para adornar o teatro natural; 3) eliminar os efeitos da putrefação dos corpos de plantas e de animais e das atividades fisiológicas em geral, e por fim, 4) auxiliar as plantas na sua reprodução (*Politia Naturae*, cap. I, 7; p. 7). Quanto ao homem, na condição de “último e supremo ministro [da natureza]” de tudo pode ele servir-se conforme suas necessidades e conveniências; pode ele reprimir animais vorazes, como os leões e os tigres, para fruir a tranquilidade e pode acomodar a seus usos o que é supérfluo entre as ervas, árvores, peixes, aves e quaisquer outros animais (*Politia Naturae*, cap. I, 35; p. 16). Domina o pensamento de Lineu a existência de uma harmonia natural, instituída pelo Criador, que não pode ser quebrada; daí dizer ele que o homem pode usar os seres vivos, conforme deles necessite, mas insiste em que isso se faz sobre o que é supérfluo, isso é, sobre que pode ser retirado da natureza, sem afetar as proporções adequadas dos seres. Quanto a essa harmonia natural, ela é tanto bela quanto horrenda, no entender de Lineu, dada a guerra de todos contra todos da qual ela resulta.

⁵ STh Suppl., q91, a5, c. A citação bíblica é de *Gênesis* 9, 3.

Se o estatuto dos seres naturais é o mesmo desde a criação e se o modo de relações entre eles é também o mesmo, as plantas sempre sustentaram a vida animal. Assim sendo, o homem no estado edênico usava as plantas. Contudo, é certo que o homem no paraíso terrestre se sustentava exclusivamente com as plantas e passou a utilizar os animais apenas após a queda. Sobre isso, diz Tomás:

“Já antes do dilúvio os homens nutriam-se de plantas e mais ervas da terra. Mas parece que o uso da carne foi introduzido depois, conforme a Escritura: *eu vos dei toda carne como viçosas hortaliças*⁶. E isto porque alimentar-se dos frutos da terra é mais próprio da simplicidade da vida; ao passo que comer carne revela antes o prazer e o apego ao viver. Pois naturalmente a terra germina em ervas, ou, com pequeno esforço, obtém-se em grande cópia esses, produtos; ao contrário, só com grande diligência podem-se nutrir ou apanhar os animais. Por onde, querendo o Senhor reduzir o seu povo a uma vida mais simples, proibiu-lhes muitos gêneros de animais, e não dos produtos da terra. Ou também porque aqueles eram imolados aos ídolos e não, estes.”⁷

O uso pelo homem de plantas e animais quase sempre implica em que se lhes infrinja a morte. Não é pecado, porém, matar nem os animais, nem as plantas, pois isso se faz consonante o princípio de que o inferior serve ao superior. Poder-se-ia, no entanto, objetar a isso assim:

“O homicídio é pecado porque priva a outrem da vida. Ora, a vida é comum aos homens, aos animais e às plantas. Logo, pela mesma razão parece pecado matar os brutos e as plantas.”⁸

Contudo, Tomás recorre a Agostinho⁹, que em contrário a isso diz que

“Quando ouvimos dizer - não matarás - não o entendemos como aplicado aos vegetais que dão frutos, porque não teria sentido; nem aos animais irracionais, que não coparticipam conosco da razão. Resta portanto

⁶ Gênesis 9, 3.

⁷ STh I-II, q102, a6, ad2.

⁸ STh II-II, q64, a1, obj2.

⁹ *De Civitate Dei* I, 20.

que entendamos o dito - não matarás - como aplicado ao homem.”¹⁰

Tomás desenvolve a mesma ideia de outro modo e com recurso a Aristóteles assim:

“Ninguém peca por usar de uma coisa para o fim ao qual ela é destinada. Ora, na ordem das coisas, as menos perfeitas são para as mais perfeitas; assim como também, no seu processo de geração, a natureza vai do imperfeito para o perfeito. Donde vem que, como na geração do homem, forma-se em primeiro lugar o ser vivo, depois o animal e depois homem, assim também os seres que só têm a vida, como as plantas, são destinadas a servir geralmente a todos os animais; e os animais, ao homem. Por isso, não é ilícito usarmos das plantas para a utilidade dos animais, e dos animais para a nossa, como está claro no Filósofo¹¹. Ora, entre outros usos, o mais necessário é que os animais se utilizem das plantas como alimento e os homens, dos animais; o que não é possível fazer sem matá-los. Logo, é lícito matar as plantas para uso dos animais e estes para o do homem, em virtude da ordenação divina mesmo. Pois, diz a Escritura: Eis aí vos dei eu todas as ervas e todas as árvores para vos servirem de sustento a vós e a todos os animais da terra¹². E ainda: Tudo o que se move e vive vos poderá servir de sustento¹³.”¹⁴

Tal é a ordem natural das coisas, explica Tomás:

“Por ordenação divina – diz ele - conserva-se a vida dos animais e das plantas, não por si mesmos, mas para o homem. Por isso diz Agostinho¹⁵: *Por uma justíssima ordenação do Criador a vida e a morte deles destinam-se ao nosso uso.*”¹⁶

¹⁰ STh II-II, q64, a1, c.

¹¹ *Política* I, 8, 1256b19-23; Cmt., 6.

¹² Gênesis 1: 29,30.

¹³ Gênesis 9, 3.

¹⁴ STh, II-II, q64, a1, sol

¹⁵ *De Civitate Dei* I, 20.

¹⁶ STh, II-II, q64, a1, ad1. Eis o que se lê em SCG III, 127, 3: “O uso das coisas para o fim a que se destinam não é em si mesmo mau. Ora, as plantas são para os animais; uns animais para os outros; e todas as coisas para o homem [...]. Logo, usar as plantas ou as carnes dos animais para alimento, ou para qualquer outra utilidade do homem, não é em si pecado.”

Ademais, pode-se entender que isso seja assim, acresce Tomás, se for considerada a natureza mesma dos seres vivos. Diz Tomás:

“Os animais brutos e as plantas não têm vida racional, de modo a poderem agir por si mesmos, mas sempre agem como levados por outrem, por um quase impulso natural. E isto é sinal que são naturalmente submetidos e acomodados ao uso de outros seres.”¹⁷

De outro modo, ainda, estabelecendo relação entre a questão do uso das plantas e a admirável conexão dos seres naturais, explica Tomás:

“Vemos que os corpos mistos são mantidos pelas de vidas qualidades dos elementos; as plantas são mantidas pelos corpos mistos; os animais recebem das plantas a nutrição, e destes os mais perfeitos e mais fortes são mantidos por alguns menos perfeitos e mais fracos. / O homem, no entanto, usa em seu proveito todos os gêneros de coisas. Algumas delas, para o alimento; outras, para as vestes. Foi feito nu pela natureza para poder fazer de outras coisas a sua veste. Igualmente, a natureza não lhe propiciou alimento algum adequado, a não ser o leite, para que buscasse nas coisas seu alimento. Algumas coisas utiliza ainda o homem como veículo, pois, na velocidade e em resistência ao trabalho, o homem ainda é mais fraco do que muitos animais, e outros animais estão como que preparados para auxiliá-los. E, acima de todas essas coisas, serve-se das coisas sensíveis p^êra a perfeição de seu conhecimento intelectual.”¹⁸

Vale sempre, contudo, na questão da utilização dos animais e das plantas, o princípio de que os bens materiais devem ser usados com prudência. Assim, ensina o Aquinate,

“os bens temporais estão sujeitos ao homem para usar deles, conforme à sua necessidade; não para fazer deles o seu fim e empregar exagerada solícitude em adquiri-los.”¹⁹

¹⁷ STh, II-II, q64, a1, ad2.

¹⁸ SCG III, 22, 6.

¹⁹ STh II, q55, a6, ad1.

Há que considerar, em tudo isso, que os seres irracionais não são, a não ser por analogia, bons ou maus, e também que é impossível estabelecer com eles relações de amizade e que não se lhes pratica caridade, pois “o amor de caridade só se estende a Deus e ao próximo [e] pela denominação de próximo não se pode entender a criatura irracional, pois, não participa, com o homem, da vida racional.”²⁰. Ainda assim, diz Tomás, “podemos, com caridade, amar as criaturas irracionais, como bens que queremos para os outros; enquanto, pela caridade, queremos que elas sejam conservadas para honra de Deus e utilidade dos homens. E assim também Deus as ama com caridade.”²¹

Por tudo isso, ressalta Tomás, por serem tantas e tão significativas as diferenças entre os homens, de um lado, e os animais e as plantas, de outro, “dizemos que alguém está só num jardim embora nele haja muitas plantas e animais.”²²

A ausência das plantas no mundo renovado

Ao discutir como será a renovação do mundo após o juízo final²³, Tomás é levado a concluir que as plantas não estarão presentes no mundo renovado²⁴, pois dele poderá participar somente o que for incorruptível, não havendo, pois, como subsistirem os corpos mistos, pelo que não haverá mais nem animais, nem plantas, nem mesmo minerais²⁵.

Cessados os movimentos celestes, deduz Tomás, com base nos ensinamentos de Aristóteles, não haverá condições de continuidade da vida das plantas e dos animais. Conforme assevera a Escritura, as plantas e os animais destinam-se ao sustento da vida animal do homem²⁶, que uma vez extinta tornará desnecessária a existência dos seres animados que lhe mantém. Afinal, a renovação do mundo far-se-á apenas em vista da transformação do corpo corruptível do homem em incorruptível, conforme o que diz o apóstolo Paulo sobre a ressurreição dos mortos. Sobre isso, diz Tomás:

²⁰ STh II-II, q25, a3, c.

²¹ STh II-II, q25, a3, sol.

²² STh I, q31, a3, ad1.

²³ STh Suppl., q91 – *Do estado do mundo depois do juízo / De qualitate mundi post iudicium*. A questão divide-se em cinco artigos e resumidamente as conclusões a que se chegam são as seguintes: o mundo será renovado (artigo 1); os movimentos celestes cessarão (artigo 2); aumentará a claridade dos corpos celestes (artigo 3); os elementos serão transformados e atingirão a máxima perfeição (artigo 4) e não subsistirão nem plantas nem animais no mundo renovado (artigo 5). O mesmo assunto tratado nessa questão encontra-se em versão mais breve no último capítulo do último livro da *Suma contra os gentios* (SCG IV, 97).

²⁴ STh Suppl., q91, a5 – *Se as plantas e os animais hão de subsistir, nessa renovação [do mundo] / Utrum plantae et animalia remanebunt in illa innovatione*.

²⁵ STh Suppl., q91, a5, sol.

²⁶ Gênesis 9, 3.

“Como a renovação do mundo se fará em vista do homem, há de conformar-se com a renovação deste. Ora, o homem renovado passará do estado de corrupção para o de incorrupção e perpétuo repouso, conforme aquilo do Apóstolo: *Importa que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que este corpo mortal se revista da imortalidade*²⁷. Por onde, o mundo será totalmente renovado, de modo que, desaparecida toda corrupção, permaneça em repouso perpétuo. Portanto, nada poderá participar dessa renovação senão o que poderá se tornar incorruptível. Ora, tais são os corpos celestes, os elementos e os homens. Os corpos celestes são por natureza incorruptíveis, tanto no seu todo como nas suas partes. Quanto aos elementos, são corruptíveis nas partes, mas incorruptíveis no todo. O homem é sujeito à corrupção, tanto nas suas partes como no todo; mas isso só em relação à matéria, não quanto à forma, i. é, a alma racional, que depois da morte permanece incorrupta. Os brutos, enfim, as plantas e os minerais e todos os corpos mistos são corruptíveis no todo e nas partes, tanto em relação à matéria, que perde a forma, quanto em relação à forma que não permanece atual; e assim de nenhum modo podem ser incorruptíveis. Portanto, na futura renovação do mundo não subsistirão, senão só os seres que foram mencionados.”²⁸

Ao examinar a questão da subsistência ou não dos animais e das plantas no mundo renovado, Tomás arrola cinco objeções à tese da não subsistência que, examinadas atentamente e tomadas também suas refutações, evidenciam importantes elementos que estão nos fundamentos da biofilosofia tomasiana.

O argumento da serventia

As plantas e os animais, como dito, servem ao homem. Destarte, considerando o estado do mundo depois do juízo final, diz Tomás que se pode pensar que

“assim como os elementos serviram ao homem, assim também os animais, as plantas e os corpos minerais.

²⁷ I Coríntios 15, 53.

²⁸ STh Suppl., q91, a5, sol.

Ora, por causa do referido ministério os elementos serão glorificados [quando da renovação do mundo]. Logo, glorificados também serão os animais, as plantas e os corpos minerais.”²⁹

Contudo, não será assim, explica Tomás, pois

“nem os animais, nem as plantas nem quaisquer outros corpos, não tendo livre arbítrio, nada podem merecer por servirem ao homem. Assim, quando se diz que certos, corpos serão remunerados, é no sentido que o homem mereceu fossem renovados os susceptíveis de fazerem parte da nova ordem. Ora, nem as plantas nem os animais podem entrar nessa renovação do mundo corruptível. Por isso o homem não lhes podia merecer a renovação; pois, ninguém pode merecer para outrem o de que este não é susceptível, como não é possível nessas condições ninguém merecer para si mesmo. Por onde, mesmo dado que os brutos merecessem; por terem servido ao homem, não devem por isso ser renovados.”³⁰

O argumento da perpetuidade

Considerando que as plantas e os animais têm tendência natural à perpetuação da espécie,

“é inadmissível afirmar-se – diz Tomás - que uma tendência natural possa ser vã. Ora, os animais e as plantas têm a tendência natural a se perpetuarem, senão individualmente, ao menos especificamente; e a isso se lhes ordena a contínua geração, como o diz o Filósofo³¹. Logo, é inadmissível dizer que essas espécies hão de desaparecer.”³²

No entanto, argumenta o Aquinate,

“A tendência natural a perpetuarem-se, ínsita nos animais e nas plantas, deve ser considerada na sua dependência do movimento do céu, de modo que durem

²⁹ STh Suppl., q91, a5, obj2.

³⁰ STh Suppl., q91, a5, ad2.

³¹ *De generatione et corruptione II*, 10, 336a15-16.

³² STh Suppl., q91, a5, obj5.

enquanto durar esse movimento. Pois, não pode um efeito ter a tendência de subsistir mais do que a sua causa. Por onde, se cessado o movimento do primeiro móvel, as plantas e os animais não continuarem a subsistir nas suas espécies, daí não se segue que fiquem frustradas as suas tendências naturais.”³³

O argumento da nobreza

Como as plantas e os animais são mais nobres do que os elementos, porque são mais complexos do que estes, exatamente por serem mais nobres, deveriam, pois, “subsistir antes os animais e as plantas, que os elementos”³⁴. Contudo, não é o que ocorrerá, ensina Tomás, pois

“embora os animais e as plantas sejam, quanto a outros aspectos, mais nobres que os elementos, contudo, por se ordenarem à incorrupção, mais nobres são os elementos, como do sobredito se colhe.”³⁵

O argumento da perfeição

Já quanto a serem as plantas e os animais indispensáveis à perfeição universal, pode-se considerar, afirma Tomás, que

“o universo ficará imperfeito se ficar privado de alguma das suas perfeições. Ora, as várias espécies de animais, de plantas e de corpos minerais contribuem para a perfeição do universo. Logo, como não podemos admitir a imperfeição do mundo depois da sua renovação, parece forçoso admitir que as plantas e os animais subsistirão.”³⁶

Não obstante, mostra Tomás que se refuta esse argumento do modo que se segue:

“Assim como a perfeição do homem é susceptível de muitas modalidades, pois há a da natureza criada e da natureza glorificada, assim também a perfeição do universo é dupla — uma própria ao estado de mutabilidade deste mundo; outra própria do mundo

³³ STh Suppl., q91, a5, ad5.

³⁴ STh Suppl., q91, a5, obj4.

³⁵ STh Suppl., q91, a5, ad4.

³⁶ STh Suppl., q91, a5, obj3.

futuro renovado. Ora, as plantas e os animais pertencem à perfeição do mundo na sua mutabilidade presente; mas não ao estado da renovação futura, para o qual não são ordenados.”³⁷

O argumento da beleza

Ora, as plantas e os animais, além de tudo, dão beleza ao mundo e sendo assim “nada deve ser subtraído aos elementos do que lhes constitui a beleza.”³⁸

Não basta considerar o problema desse modo, pois muito diferente será o mundo renovado. Explica Tomás que as plantas e os animais concorrem sim para a beleza do mundo por participarem do estado de atividade e passividade dos elementos. Todavia, “esse estado dos elementos desaparecerá [no mundo renovado]. Donde o não ser necessário subsistirem nem os animais, nem as plantas.”³⁹

Considerações finais

Como visto, Tomás de Aquino tratou de diversos problemas relativos à vida das plantas⁴⁰. Todos esses problemas foram formulados ao longo das

³⁷ STh Suppl., q91, a5, ad3.

³⁸ STh Suppl., q91, a5, obj1.

³⁹ STh Suppl., q91, a5, ad1.

⁴⁰ A biologia contemporânea não define vida e essa tarefa parece mesmo não lhe caber. Sabe ela, contudo, estabelecer critérios para distinguir seres vivos de seres não-vivos. Até essa tarefa, que é evidentemente fundamental para a biologia, exhibe algumas interessantes dificuldades. Para comentar isso, segue-se um exame breve desse assunto, exposto, sobretudo, para melhor apreciação das investigações biológicas empreendidas por Tomás de Aquino. Carl Sagan propôs cinco definições de vida (Sagan, Carl. *Life. In: Encyclopaedia Britannica*, vol. 13, 1973, p. 1083 - 1088.) que aqui adaptadas para se transformam em definições de seres vivos ilustram esse assunto: 1) *Definição fisiológica de ser vivo*: Um sistema é vivo se ele é capaz de desempenhar funções tais como comer, digerir, excretar, respirar, mover-se, crescer, responder a estímulos etc. *Restrição*: Esta definição não se aplica a todos os seres vivos terrestres (exclui os vírus) e pode incluir algumas máquinas (o automóvel, por exemplo). 2) *Definição metabólica de ser vivo*: Um sistema é vivo se ele tem limites definidos (diferencia-se do meio em que vive) e troca material com o meio exterior, por certo período de tempo, sem alterar suas propriedades gerais. *Restrição*: Esta definição não se aplica a sementes e esporos, por exemplo; já uma vela acesa seria, por essa definição, considerada um ser vivo. 3) *Definição bioquímica (ou biomolecular) de ser vivo*: Um sistema é vivo se ele contém ácidos nucleicos, que codificam informações genéticas, e se os transmitem de uma geração para outra. *Restrição*: Esta definição não se aplica a substâncias orgânicas que se reproduzem, mas não contém DNA ou RNA, como os *prions* (a proteína causadora do *mal da vaca louca*, por exemplo). 4) *Definição genética (ou reprodutiva) de ser vivo*: Um sistema é vivo se ele é capaz de produzir cópias de si mesmo e de evoluir por seleção natural. *Restrição*: Esta definição dá ênfase à questão da replicação, e assim permite contornar a

investigações teológico-filosóficas constantes das *Sumas* escritas pelo Aquinate. Nenhum desses problemas foi resolvido sem o auxílio da biologia de Aristóteles. Melhor dizendo, um único problema formulado por Tomás, o das razões de as plantas terem sido criadas no terceiro dia do hexamerão e não no quinto ou no sexto dia, não foi resolvido com base nas teorias aristotélicas⁴¹. Ainda assim, pode-se dizer que esse mesmo problema, solucionado com o recurso a ideias de Agostinho, foi afetado pelas teorias do

dificuldade da definição bioquímica em relação aos cristais de argila, mas permite considerar os vírus de computadores como seres vivos. 5) *Definição termodinâmica de ser vivo*: Um sistema é vivo se ele é capaz de apresentar crescimento de complexidade. *Restrição*: Esta definição torna possível considerar os cristais comuns ou os sistemas não biológicos de produção de substâncias orgânicas como seres vivos. (Talvez seja a melhor definição, contudo, parece difícil torná-la operacional.) Nas análises de Tomás de Aquino sobre o problema da vida das plantas verifica-se que ele usou, *mutatis mutandis*, essas cinco definições de seres vivos. Como é difícil identificar um ser vivo por um único critério, pois como se vê nas definições dadas, todas têm deficiências e criam exceções, convém aplicar mais de uma definição para resolver o problema de identificar se um ser é vivo ou não. Tomás usa especialmente a definição fisiológica. A definição metabólica foi pouco usada; na verdade, pouco se sabia na época de Tomás sobre a alimentação das plantas, de modo que esse assunto foi tratado mais sob a óptica fisiológica do que metabólica. A definição genética aparece apenas pelo seu valor geral, pois iguala todos os seres vivos, pela propriedade exibida por eles, por diferentes que sejam, de produzir por multiplicação outros seres semelhantes (deve-se lembrar, que na época de Tomás aceitava-se a geração espontânea, pelo que a definição genética ficaria restrita apenas aos então chamados seres vivos perfeitos). Tomás pouco pode usar a definição bioquímica, que ele não pode aplicar, obviamente, tal como formulada atualmente, mas pode usar versão análoga, tal como era possível na época, por meio da vinculação das espécies aos elementos terra, água e ar. A definição termodinâmica, parece também ter sido aplicada por Tomás; isso ocorre quando o Aquinate acentua a complexidade estrutural das plantas, mencionando os seus diversos órgãos. Acrescente-se ainda que uma das vinte e quatro teses tomistas trata da definição de vida e nela se lê: “Tese XIII. Dividem-se os corpos em duas categorias: uns são vivos, os outros carecem de vida. Nos vivos, para que existam no mesmo sujeito, uma parte que move a outra, que é movida por si mesma, a forma substancial, designada pelo nome de alma, requer uma disposição orgânica, isto é, partes heterogêneas.” (cf. - <http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Filosofia/tomismo-filosofia-as-24-teses-tomistas.htm>.) Em tal exposição, parece haver predomínio da definição termodinâmica de vida, não obstante a ênfase no movimento das partes destaque a definição fisiológica. No comentário que faz à dita tese, o padre Eduardo Hugon (*Las veinticuatro tesis tomistas*. Buenos Aires: Editorial Poblet. 1942, p. 137) afirma que o que há em Tomás que mais parece harmonizar-se com a biologia contemporânea é o que está na solução do problema de se todos os seres vivem, onde se encontra apenas a definição fisiológica: “dizemos que um animal começa a viver quando começa a mover-se por movimento próprio; e que vive, enquanto se manifesta esse movimento. Pois, quando já não tem nenhum movimento, mas só é movido por outro ser, então, dizemos que o animal está morto, por falta de vida” (STh I, q18, a1, sol). Para que se considere a harmonização com as teorias modernas, há que considerar que movimento não designa apenas o movimento local, mas qualquer outro movimento autônomo. Destarte, o movimento de alimentar-se, o de crescer e o de multiplicar-se adéquam-se ao que Hugon propôs.

⁴¹ STh I, q69, a2.

Estagirita, pois a aplicação delas tornou-o ainda muito mais agudo e inquietante e sua solução mais harmoniosa. Ainda, pois, que no comum das situações de pesquisa Tomás tenha se limitado a aplicar as ideias de Aristóteles em um caso especialmente importante, o discípulo foi além do mestre. Ao formular uma teoria geral sobre a vida, Tomás estende largamente a noção de autonomia dos seres, aplicada por Aristóteles restritamente à realização independente de certos tipos de movimentos, ao mais alto grau possível de autonomia que somente pode ser atribuído a Deus, de modo que se passa a entender que em Deus está a vida mesma por excelência⁴². Tal ampliação conceitual em nada afetou a biologia aristotélica em si mesma e deu ainda grande vigor à filosofia natural tomasiana.

⁴² STh I, q18, a3.